

[SYLVIA DEMETRESCO]

Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, com pós-doutorado em Semiótica no Instituto Universitário da França, em Paris. Professora de Visual Merchandising na Ecole Supérieure de Visual Merchandising, em Vevey, na Suíça; editora da revista internacional *Inspiration* (Suíça); professora na escola do luxo ISTEK, em Paris, e autora de vários livros, como *Vitrinas entre-vista: merchandising visual*, *Vitrinas em diálogos urbanos* e *Paris confidencial*, e coautora de *Tipologia e estética do visual merchandising*. Fundadora do IMB, Instituto Merchandising Brasil.

E-mail: sylvia@vitruina.com.br

A preciosidade do papel



Fotos: Sylvia Demetresco

[35]

Uma centena de fotos realizadas em Paris entre os meses de junho e julho em diversas das minhas andanças mostram que o papel, material rico em possibilidades e sutilidades, surge como uma das texturas mais utilizadas, nos mais variados modos de expor. Seja em exposições de museus, seja nas vitruinas ou ainda em feiras, essa matéria se transforma conforme a habilidade dos autores. Tamanhos que não superam a nossa estatura e que, no máximo, se repetem com cores bastante naturais: uma mescla de brancos, alguns rabiscos coloridos, letras em preto, manchas coloridas no branco são alguns dos efeitos que pipocam aqui e ali. O Visual Merchandising realizado em papel em vitruinas e exposições, de repente, passa a ser uma matéria rica, delicada e com inúmeras possibilidades!



Com um olhar atento aos materiais, às texturas e às composições, eis que se apresentam frequentes manuseios do papel. Na exposição *L'étoffe de la modernité*¹ – trajes de teatro na Ópera Garnier de Paris –, percebe-se que muitas roupas foram desenhadas por artistas como André Masson, Marc Chagall, Paul Derain, Jean Cocteau, Fernand Léger, Giorgio De Chirico ou por estilistas como Yves Saint Laurent, Kenzo e Christian Lacroix, prova de que os trajes presentes em cena são também realizados pelos designers da alta-costura. Esses trajes foram realizados em sua maioria em tecido, mas o papel também está presente na confecção das roupas e nas cenografias teatrais. Fotos, maquetes, documentos raros, essa exposição é uma retrospectiva histórica em homenagem aos ateliês da l'Opéra Nacional de Paris, dirigida por Christine Neumeister. Dois trajes se destacam pela sua construção em papel: uma roupa toda feita de partituras musicais, o traje da personagem Loucura, para a peça *Platée*, por Laurent Pelly que é poética na sua simplicidade; ao contrário, espalhafatosa, a roupa do palhaço, em *Fausto*, por

Fenelan, feita de milhares de rolinhos de papel laminado em tons de rosa, salmão, fúcsia, roxo, verde água. Moda e teatro se mesclam, assim como os materiais.

Flanando por Paris, vitrinas de moda, perfume, *lingerie*, cristais, bebidas ou chocolates foram executadas com papel em todas as suas formas e preciosidades.

A vitrina da Gucci apresentava uma enorme bolsa confeccionada em papel branco, com os mínimos detalhes da marca, com as costuras, os pespontos, as ferragens, os pompons e a alça da bolsa. Formas que explodem, agigantadas, dentro da vitrina. Um meio de criar um espetáculo, a partir do branco do papel muito iluminado, numa vitrina tradicionalmente colorida.

[36]

Baccarat, durante o evento Design Day, apresentou seus produtos de cristal sobre uma mesa imensa toda forrada de papel glaçado branco. Cristais lindos e ofuscantes, iluminados em tons pastel rosa, azul e amarelo, se apoiavam sobre esculturas de papel branco, formando casinhas de abelha. Fica a pergunta: qual matéria é mais nobre? O cristal de mil facetas com seu brilho ou a opacidade leitosa do papel? Na temporalidade e na materialidade, os dois, cristal e papel, se complementam, cada um doando seus atributos ao outro para a valorização da encenação!

No mundo dos perfumes, em que cada um quer ofuscar seu cliente, eis que surge uma cenografia simples e perfeita! Para o lançamento do perfume *La petite robe noire*, o último lançamento da Guerlain, a cenografia é simplesmente fantástica. A magia do papel branco com o vidro de perfume que contém a silhueta de um pretinho nos leva ao sonho! Ser proprietária do vestido, acompanhado da fragrância, com sua miniatura dentro do frasco de perfume, e no final vivenciar a arquitetura da cidade. Tudo se passa numa Paris recortada em papel retroiluminada sobre um lençol de espelho! Luzes rosadas perambulam por essa Paris de papel que se multiplica no brilho das águas do Sena. O que poderia ser mais encantador do que ter Paris aos seus pés, um pretinho de alta-costura, perfumado ao seu bem querer?

Menudier, a marca de calçados que sempre cria vitrina-instalação para exposição de seus produtos, de repente, aproveita imagens duplas como no teste de Rorschach.² A marca coloca seus sapatos lado a lado e uns sobre os outros juntamente com folhas de papel branco dobradas com manchas negras que se repetem e criam imagens idênticas aos testes do psiquiatra. Um espelho na base da vitrina espelha e multiplica infinitamente os sapatos e as manchas, e cria um movimento que leva ao



atordoamento... Será o mesmo que se passa em nossas cabeças nos dias de hoje? Matéria e criação que nos levam a querer saber o que tudo isso significa? Em que tempo? São duplos de formas ou de sapatos de salto? Passo o teste ou compro o pisante?

Mais uma dezena de exemplos de vitrinas por Paris foram realizadas com papel, por exemplo: a das sapatilhas de balé da Repetto, com dobraduras de papel esvoaçantes



que formam o tutu de balé; as roupas da Kenzo que se autoliquidam em formas de papel; as obras de Gehard Richter, no museu Pompidou, que deformam e desfocam imagens em papel fotográfico; e a exposição *White Dream e Black Balenciaga*, que brinca com tecidos e papéis – de acordo com o nome, tudo em branco e preto.

No salão de moda *Who'sNext*, que aconteceu em julho de 2012, o fórum de tendência se intitulava *Deep Switch* e

buscava determinar o que são os rituais de passagem contemporâneos. Eis que surge uma instalação escultural, vazada no meio, toda construída em papel, com dobraduras, cores e textos, que caíam do forro até o chão. Por fora, esse cilindro recortado era todo branco, e seu interior era bastante colorido, com textos e imagens. Era uma arena de leitura e meditação. Valores de engajamento, de ecologia, de otimismo e visões de como criar raízes no seu espaço foram os temas criados pelo Salão, presentes nesse *cocoon*. Esse espaço levava seus leitores a criar uma pausa no tempo, e, em seu interior, os leitores paravam para pensar nas atuais tendências da vida urbana em relação ao mundo da moda. Textos relativos a ritos, mitos, movimentos, motivações na vida social e preocupações dos habitantes urbanos eram o foco nessas leituras nas quais o papel era o interlocutor.

Ritos de passagem não existem mais na nossa sociedade!

De um lado, todos querem ser adultos rapidamente, e, de outro, ninguém quer envelhecer. Quase não existem mais práticas de iniciação a fim de dirigir nossa presença neste mundo, fixar pontos de orientação em relação a nossa vida em grupo e, principalmente, nossa vida no espaço e no tempo. Vejo no papel, muito presente agora, a atemporalidade! Sua presença quase constante durante séculos na medida humana torna-o próximo a cada ser. Pequenas significações que fazem do papel algo que nos acolhe e que nos promete, na leitura, ainda alguma coisa... Matéria que tem textura, cor, volume e odor! Matéria que se lê e que se sente!

[37]



NOTAS

[1] Para saber mais, veja: <http://www.operadeparis.fr/en/saison_2012_2013/convergences/Convergences/l_etoiffe_de_la_modernite.php>. Acesso em: 10 ago. 2012.

[2] Desenvolvido, em 1921, pelo psiquiatra suíço Hermann Rorschach. O teste de Rorschach é uma técnica de avaliação psicológica pictórica, denominada também de teste projetivo ou de método de autoexpressão, e consiste em dar respostas sobre com o que se parecem as dez pranchas com manchas de tinta simétricas. A partir das respostas, procura-se traçar um vasto quadro da dinâmica psicológica do indivíduo.